

Editorial

O volume 5.2 da revista *Musica Theorica* apresenta ao leitor um leque variado de propostas e aproximações teórico-analíticas. O volume inclui desde análises de obras específicas e de procedimentos em um determinado repertório até a revisão, reavaliação e proposta de conceitos e modelos teóricos. Dez artigos compõem este volume. No artigo de abertura, **Carlos Almada** apresenta um modelo teórico-analítico desenvolvido para a compreensão do fenômeno da condução de vozes em gêneros da música popular caracterizados pelo uso de acordes de densidade média-alta, tais como o jazz e a bossa-nova. O autor propõe uma série de novos conceitos, termos e princípios que juntos compõem um sistema de classes de conduções parcimoniosas de vozes. Tomando a música de Tom Jobim como epítome do repertório a que o modelo é destinado, o autor ilustra as capacidades do modelo proposto através da análise de trechos de cinco canções do compositor.

Os três artigos seguintes lidam, de formas distintas e em diferentes gradações, com os conceitos de tópica, significação e narratividade na música. O primeiro consiste em uma transcrição revisada da sessão virtual organizada pela TeMA em agosto de 2020, que teve como convidado o teórico **Robert Hatten**. Nesta sessão, Hatten apresentou seu mais recente livro, *A Theory of Virtual Agency for Western Art Music* (2018), demonstrando, brevemente, como tornamos virtual nossa experiência musical ao atribuímos energia e intenção a algo que, a princípio, não existe. Este processo se dá em quatro estágios: 1) virtualização, 2) incorporação, 3) ficção e 4) interiorização. A apresentação de Hatten foi seguida por uma sessão de debate da qual participaram seis convidados da TeMA, que também assinam este trabalho: **Maria Lúcia Machado Pascoal, Cristina Caparelli Gerling, Flavio Santos Pereira, Diósnio Machado Neto, Guilherme Sauerbronn de Barros e Paulo de Tarso Salles**. Dentre os temas abordados na sessão de discussão, estão o risco da subjetivação excessiva em aproximações hermenêuticas, a capacidade de um agente humano sofrer transformações sem ocasionar a perda de identidade, o conceito de plenitude, relação entre



performance e a capacidade narrativa intrínseca de uma obra, e a relação entre o conceito de *melos* e as noções de mascaramento e *Rahmenanschlag* de Schenker.

O próximo artigo, assinado por **Diósnio Machado Neto**, **Fernanda Tavares**, **Rodrigo Lopes da Silva** e **Gustavo Caum e Silva**, examina a retórica galante em motetes do Padre José Maurício Nunes Garcia, demonstrando como o pensamento retórico da época, baseado na *Ars Combinatória* de Leibnitz, se manifestava no processo criativo musical, sendo articulado de forma prática na pedagogia dos *partimenti*, na gramática dos esquemas e na oratória musical.

Rodolfo Coelho de Souza e **Paulo Yassuhide Fujioka** analisam *Nau dos Insensatos* de Conrado Silva, obra eletroacústica encomendada para a XX Bienal de São Paulo de 1989. Os autores discutem o potencial tópico-narrativo do gênero eletroacústico, examinando parâmetros que compõem espaços sonoros imaginários e considerando os processos que nos permitem atribuir significados a estes espaços sonoros. A análise da obra de Conrado Silva revela uma narrativa intrínseca, deduzida a partir da ordenação de materiais, tópicos e seções formais e, assim, serve o propósito de um estudo de caso, sendo utilizada para a ilustração dos conceitos teóricos sobre narratividade e significação musical discutidos ao longo do artigo.

A partir dos escritos de Schoenberg, os dois artigos seguintes colocam em relevo o *motivo*. No quinto artigo deste volume, **Hanon Guy Lima Rossi** e **Adriana Lopes Moreira** analisam a *Peça para dois minutos* de César Guerra-Peixe, revelando a notável unidade motívica da obra e depositando luz sobre seus aspectos harmônicos, formais e estéticos. No artigo que segue, **Norton Dudeque** discute três técnicas motívico-temáticas propostas por Schoenberg, desdobramento motívico, variação progressiva e prosa musical, e demonstra que, apesar de Schoenberg associá-las a épocas específicas, a aplicação das técnicas a obras que extrapolam o repertório abordado por Schoenberg é analiticamente válida.

Dialogando com estudos recentes sobre gestos cadenciais na obra de Villa-Lobos (Salles 2009; 2018), **Adailton Pupia** examina os gestos conclusivos utilizados por Villa-Lobos em sua oitava sinfonia (1950), obra que integra sua quarta fase compositiva. São dez as finalizações examinadas pelo autor: wagneriana, varèsiana, diatônica e cromática; em mônadas, díades, acorde pentatônico e quartas; e por acorde e motivo Tristão.

A partir dos escritos de Janet Schmalfeldt sobre a apercepção da forma musical como um processo (2011), **Gabriel Venegas Carro** examina o papel da reinterpretação formal na obra pianística de Schubert, organizando o estudo do fenômeno em três categorias: transformações intratemáticas, intertemáticas e entre distintos níveis hierárquicos (*multilevel*).

O próximo artigo lida com um gênero pouco explorado na literatura analítica, a fantasia. **Yara Caznok** apresenta uma análise da *Fantasia Cromática*, BWV 903, de J. S. Bach, examinando, além dos tortuosos e surpreendentes caminhos harmônicos que caracterizam a obra, aspectos métricos, formais, expressivos e estruturais que juntos possibilitam a revelação dos “artifícios inteligentes” empregados pelo compositor.

O último artigo deste número, de autoria de **Nadia Vassileva Nedialkova, Bojin Iliev Nedialkov e Flavio Santos Pereira**, pertence a uma categoria de análise musical que caiu em desuso no século XX, mas que tem uma longa tradição. Os franceses a chamam de *déchiffrage*. Segundo a musicologia sistemática, ela não seria uma análise *comme il faut* porque não visa explicar a estrutura de uma ou mais obras. Seu objetivo é a explicitação da interpretação de uma obra musical posta em palavras pelo intérprete.

Nesta ocasião, o artigo é duplamente pertinente porque resulta de uma colaboração criativa entre compositor e intérpretes. Isso demonstra que se trata de um gênero analítico que sobrevive na prática diária dos conservatórios e universidades e visa estimular o trabalho criativo do intérprete e de seus alunos.

Para quem argumentasse que esse tipo de artigo é fantasia literária, lembrariamos que todo artigo de análise musical tem um vínculo com a literatura. E, neste caso, o vínculo é ainda mais explícito porque se trata de uma leitura de uma leitura de uma leitura de um texto literário. O texto original é de Dostoiévski, que é objeto de uma releitura por Pereira, que, por sua vez, é objeto de uma leitura pelos intérpretes a quem a obra é dedicada.

A tradição a que nos referimos acima remete à origem do próprio gênero dos artigos de análise musical. Schumann e Berlioz, editores profissionais de revistas musicais, foram os primeiros a redigir e publicar textos com o propósito de explicar como entender obras contemporâneas. Não obstante empregarem eventualmente ferramentas formais, a análise que praticavam é hoje chamada de “hermenêutica”, pois trazia sempre o viés subjetivo da escuta do crítico. No início do século XX, Tovey introduziu nas notas de programa explicações

analíticas que visavam educar os ouvintes sobre como ouvir aspectos abstratos e formais da música. Leituras pessoais ficaram deslocadas nesse modelo. A análise musical atual obliterou o primeiro paradigma em favor do segundo, mas a pós-modernidade nos faz perceber que o paradigma anterior, que buscava sentidos semânticos numa obra musical, pode ser resgatado em uma perspectiva renovada¹.

O último artigo inclui a partitura completa do duo *Leitura de Dostoiévsky*, para oboé e violino, de Flavio Santos Pereira. Com a publicação desta obra, inauguramos uma nova categoria de publicações com o intuito de gerar um espaço para compositores registrarem e divulgarem suas obras.

Por fim, informamos que, durante o primeiro semestre de 2021, a *Musica Theorica* deu um passo fundamental com respeito ao registro de suas publicações. Por meio do convênio entre a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) e a *Crossref*, passamos a atribuir o identificador digital DOI (*Digital Object Identifier*) a todos os artigos publicados na revista. Os DOIs dos volumes 1.1–5.2 encontram-se disponíveis na página individual de cada artigo. A partir do próximo volume, os DOIs serão incluídos também no corpo dos artigos.

Com este número, a *Musica Theorica* completa sua décima publicação desde sua criação. Agradecemos as importantes contribuições de autores, pareceristas e editores recebidas durante estes anos, e também a assiduidade de nossos leitores. A partir deste volume, assumo a frente da equipe editorial, contando com o indispensável apoio dos editores, Edson Sant’Anna e Norton Dudeque, e do presidente da TeMA, Rodolfo Coelho de Souza. Agradeço a confiança da diretoria da TeMA e do corpo editorial da *Musica Theorica* e me comprometo com a honrosa tarefa de dar continuidade ao brilhante trabalho desenvolvido pelos editores anteriores.

Desejamos uma boa leitura a todos!

Gabriel Navia

Foz do Iguaçu, 05 de agosto de 2021

¹ Agradeço a Rodolfo Coelho de Souza, presidente da TeMA, as informações sobre o gênero analítico *déchiffrage* e sua contextualização histórica.